

Poesia africana como emblema de resistência e liberdade corporal feminina

Edimilson Rodrigues*

Introdução

Quando pensamos em liberdades, relacionamos à locomoção, direitos sociais, culturais, bem como às garantias e direitos fundamentais. No entanto, há um tipo de liberdade que, para quem viveu as ditaduras coloniais, leva tempo para se consolidar: a liberdade corporal feminina. E as mulheres escritoras, no corpo da linguagem, vêm construindo um rico material que expressa tal liberdade. Assim, iluminados pelas ranhuras do conflito da linguagem, os textos aqui selecionados, buscam o concílio do prazer, concebendo uma poética do dizer feminino imantada no sentir mulher, grávida de liberdades.

Tais escritas exprimem reflexões ancoradas à consciência, também, do desprazer, porque escrever é uma arte da deriva: tráfego de certezas e incertezas no substrato do dizer/sentir. Assim, elas denunciam os fracassos patriarcais da linguagem em perplexidade criadora, essa recuperando dos porões da história os fragmentos que se recompõem em memórias libertárias/corporais: a literária.

A consciência – grafo e corporal – desconfia da metáfora impositiva e cria alegorias uterinas de conciliação entre gerar e conceber: apoteose da expressividade literária feminina revestida de adereços essenciais, para articular o indizível silenciado em combustão do dizível, pois está sentenciado no íntimo do corpo como afetos femininos. Esculpem, as escritoras, no manto da escritura, como memória de escribas silentes, a intencionalidade do devaneio acústico, visível e palpável, na dança do amor, em acasalamento das palavras, no vetor da sensibilidade do corpo.

Traduzem, pois, a mulher escrita e a escrita mulher adornadas pelo sensual sutil dos saberes e sabores da África. Assim, a performance da poética africana feminina, nos desperta à análise da presente investigação, relacionando a poesia feminina ao contexto

* Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (2001), Mestrado em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão (2008) e Doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2017). Professor do Centro de Ciências de São Bernardo/MA de língua e literatura Espanhola. Líder do Grupo de Pesquisa AXOLOTL. Tem experiências nas áreas de Letras, com ênfase em Literaturas espanholas, brasileiras e africanas de expressão portuguesa e espanhola e, ainda, Literatura Infantil e Juvenil de África, Brasil e Espanha.

E-mail: em.rodrigues@ufma.br

da luta contra o colonialismo patriarcal e dominante, na performática escrita de Paulina Chiziane (2004).

Apreciaremos, ao longo da análise do capítulo 24, de *Niketche uma história de poligamia* (2004), da moçambicana Paulina Chiziane, essa digressão da sensibilidade oscilando entre o dizer e o sentir, corporalmente fecundo, no ato de criação literária, como ato de concepção humana. A temática assim determinada, na lide do verbo e do gozo, investiga as nuances do desenho íntimo feminino e seu símile com o natural, na descrição do cálice da vida: a vagina.

Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras (CHIZIANE, 2004, p. 160, grifo do autor).

Com o auxílio de excertos de algumas autoras moçambicanas, demonstraremos que os textos convocam à sedução fascinante da palavra, conduzindo o eu da escrita, ao devaneio da secreta linguagem pessoal e emotiva, com o labor da arte que esbulha o colonialismo patriarcal, na sutileza das metáforas corporais como prazer da criação textual. São recorte literários que, num símile de liberdades do corpo, traduzem as textuais e afetivas.

O feminino libertário nas fendas do corpo e da linguagem

Os excertos aqui reunidos trazem sentimentos e pulsões do ser feminino que conduzem à experiência da escrita moldada no sentir do corpo, com o privilégio ontológico que a ciência grafológica e íntima lhes outorga.

Os escritos femininos africanos de e sobre a mulher, expõem corpo e alma, na práxis do sentimento avassalador dos sentidos, fluem em ritmo de água, e, no acalanto de enigmáticos desejos de liberdades, teorizam caminhos, arquitetam moradas, inventam sintagmas de proteção e doação, libertando a fala (morada do prazer e do conviver) às portas da linguagem, na qual viveram imersas sob o açoite monológico, qual “[...] nó górdio tatuado na garganta” (LOBO *apud* SAÚTE, 2004, p. 369).

Os textos femininos lutam, pois, contra o colonialismo, mas lutam, também, contra o patriarcalismo instituído e castrador do dialógico. O silêncio fez das mulheres, de vários rincões da África, prisioneiras, submissas que trazem, no estágio atual, a escarificação da vida no corpo e nas obras literárias compartilhando sentidos de *Maternidade* – “Tu sabes e eu sei:/ o que ergue altivamente o meu vestido/ e o que

soergue a tua capulana, / é a mesma carga humana” (SANT`ANA *apud* SAÚTE, 2004, p. 134).

Elas investigam o social para, no espaço do literário, trazerem à tona a força expressiva de suas produções como instrumentos que as libertam por dois ângulos. Um que as livra do silenciar das vozes, do aliciamento das tradições que as coisificou em ouvintes, no espaço social, doméstico e domiciliar; e o outro que as liberta das dores e carências, físicas e emocionais, provocadas pelas guerras; mas que, fazem do texto, patrimônio literário e social, ente recuperador do sensível, que as ampara dando vozes, contra os ditames do mundo culturalmente masculino, no espaço da casa/corpo, que “cresce(s) do pulso como um arbusto de carne” (LOBO *apud* SAÚTE, 2004, p. 369).

Suas metáforas traduzem os desejos do corpo da mulher e da mulher no corpo da escrita, com a força e sensibilidade criativas. São atos e afetos de escrita feminina que as transformam em narradoras das experiências maternais e grafológicas desenhando a “fantasia presente em mulher”, com o ardo e a certeza de “tantos estilhaços cravados em meu corpo” (SULTUANE *apud* SAÚTE, 2004, p. 606).

Com metáforas inusitadas da concepção similar à libertação, os escritos são sinônimos da matriarcal função da mulher que cria e cativa, concebe e ampara, transformando mundividência em sabedoria de linguagem, pois, “Quando soar a hora/ determinada, crua, dolorosa/ de conceber ao mundo o mistério da vida” (SANT`ANA *apud* SAÚTE, 2004, p. 134), os textos, pretextos do corpo, ajudarão às incursões e travessias que decompõem palavras afetivas.

As escritoras têm uma enorme tolerância para afetos, porque afetadas pelo prazer corporalmente livre e sedutor, escandalosamente divergente do imposto pelo patriarcalismo, pois, disruptivas, se entregam ao “lirismo intenso do seu erotismo” (ALEXANDRIAN, 1991, p. 357) e do exagero constante que é a súplica de sua suntuosa festa poético-corporal – “entrego-me já vencida a esse desejo, / à minha ilusão” (SULTUANE *apud* SAÚTE, 2004, p. 607).

Na luta contra o dominante, opressor e castrador, as obras surgem imantadas de étimos do campo da proteção e da reprodução, com o ensejo de materializar os hábitos e costumes das mulheres, no campo alegórico da palavra, o que as transforma, em mulheres comprometidas com a escrita como ato de concepção, pois criam os textos com o mesmo afeto de quem partilha o corpo na ternura e sonoridade telúrica: “com o cheiro de frases e areia molhada” (SANT`ANA *apud* SAÚTE, 2004, p. 131). E, às vezes, recuperam o perdido que se dilacerou em esperanças – “Sonho quebrado ainda em

menina, / pesadelo vivido em adolescente, / fantasia presente em mulher” (SULTUANE *apud* SAÚTE, 2004, p. 606).

Os textos dessas mulheres, grávidas de palavras e lavradas na gestação da escrita de rebeldia, surgem como fruto-rebento que dissolve fronteiras idiomáticas, absorvem idiomas do corpo da palavra, e da sociedade redimensionando-as ao plano do histórico. O fruto-rebento traduzindo, escarificações, sentidos alegóricos de prazer, induz a mulher africana ao sentido reelaborado do discurso/percurso feminino.

Como quem imprime na pele um símbolo, a palavra é impressa em signos na derme do social, como metodologia instrucional da sensibilidade da mãe que alimenta o filho-texto, na bacante da concepção: confirmam, os textos, que conceber e escrever são processos corporativos, opcionais da visão e sensibilidade feminina.

Nesses jogos de imagens, os textos se apresentam como instrumentos de liberdade que autorizam a mobilidade física e também cultural, mas, acima de tudo, corporal, pois, revelam a fragilidade e amplitude do ser feminino que, apesar de iguais, no mais íntimo, reservam diferenças que as particularizam.

E tu, lula, tu, bico de peru, sentem-se bem com essa imagem? Ouvi dizer que um médico russo cortou as lulas de uma mulher na hora do parto. O pobre médico nunca tinha visto aquilo e julgava que era um corpo estranho, maligno, que se enrolava no pescoço do bebê pondo em perigo a vida da mãe e da criança. A mulher, quando tomou conta da amputação involuntária, suicidou-se, porque já não se sentia mulher. Não temem que vos possa acontecer o mesmo? Não têm medo de mostrar essas alterações anatômicas a um ginecologista estrangeiro? Não se sentem mal? (CHIZIANE, 2004, p. 189).

A identidade feminina, como podemos observar no excerto acima, está relacionada com a identificação do corpo completo, não mutilado. A incompletude, ainda que visível, somente para ela e seu escolhido, amplia a amputação social vivida por muitas mulheres; logo, o suicídio marca a rebeldia consciente do ser mulher que escolhe a morte, à perda daquilo que a insere no cenário do prazer, da sedução e razão de ser mulher.

Posto assim, dizemos que ser mulher “Não é um culto, mas uma vitória da razão sobre o mito. Não é um movimento dos sentidos, é um exercício do espírito. Não é o excesso do prazer, mas o prazer do excesso” (ALEXANDRIAN, 1991, p. 365), na fenda fabulosa da arte e da delicadeza da linguagem criada por elas.

Através desse lirismo da delicadeza, o sentido carnal desafia o sentido do prazer, na mobilidade social, no devaneio do querer do corpo, pois, “E tu, querida canibal, tens tido carne suficiente? Há fome, no subterrâneo! Há choros, há gritos, há lamentos. A terra está zangada, está a desertificar. Algumas espécies animais estão em extinção” (CHIZIANE, 2004, p. 187).

As escritoras africanas, em compromissos identitários e emocionais, sondam a escrita como seres agrícolas da palavra, como artífices da alegoria da concepção. Contam para conceber e concebem para escrever, no amplo espectro do corpo e da terra, para depois, nas linhas da grafia, alinhavarem os sonhos e desejos – qual frutos – concebendo a identidade linear e interna, genealógica e fértil, cultural e libertária. Com o vicejo da *Mulher que ri à vida e à morte* (SOUSA *apud* SAÚTE, 2004, p. 180).

Nessa concatenação de ideias, o contexto histórico-literário se umedece do histórico-social, pois ambos são elementos estruturantes da poética feminina africana posto que estão consorciados às conquistas das grandes aventuras – grafo-femininas, heterogenia-concepcional, íntimo-devassador.

O primeiro, nessa tríade de linhas de forças, confirma a condição das mulheres africanas no cenário das grandes escritas, pois duplamente grávidas, do humano concebido e do concebido na escrita, se ressignificam em produtora de saberes no campo da história cultural. Donas de seus próprios instintos – uterino/vivificante – na trajetória percuciente, inscrevem a grafia, outrora masculina, sob os auspícios da sensibilidade em conúbio com a feminilidade: “em meu pesadelo e na minha fantasia” (SULTUANE *apud* SAÚTE, 2004, p. 606).

O segundo diz dessa heterogenia ancestral que perscruta o passado para trazer à cena, em marcas de grafias e de grafias como marcas (na pele, na memória, em metáforas inusitadas) das origens de suas fertilidades humana: mãe, mulher e gestora capazes de lidar com questões do íntimo e do privado, do coletivo e do individual familiar, sem ausência do compromisso da ancestralidade que as identifica: “Louco é o meu desejo, / quando procuro o teu corpo, / e quando se funde ao meu” (SULTUANE *apud* SAÚTE, 2004, p. 606).

A terceira tríade apresenta a intimidade do ser mulher, suas partes desejáveis e acondicionadoras no sintagma de prazer, de volúpia e desejos adernados na orla dos sentidos da pulsão. Devassando o íntimo, porque entendem o corpo e o edifica em símiles de ideias do campo da escrita, pois, a fertilidade e o prazer fazem parte da grande colheita da vida que simula sementeação – um ato de criação como inquietante certeza (“Aqui não moram deuses” (LIMA, 2012, p. 54)) de metáforas ousadas, na língua

do dominante: “nossa voz cansada da masturbação dos batuques de guerra/ nossa voz negra, gritando, gritando!” (SOUSA *apud* SAÚTE, 2004, p. 164).

Depois dessa experiência, supostamente vivida, no e pelo aconchego das letras, a escritora Clotilde Silva (*apud* SAÚTE, 2004), supostamente, convida ao prazer do texto, ao divórcio entre o prazer concebido na palavra como força e o vivido na força da palavra que se esmera em metáforas enfáticas da sedução. “Cada filho deste país liberto/ é trigo ondulando livre/ no meu corpo ao vento (SILVA *apud* SAÚTE, 2004, p. 139).

Duas mulheres albergam, assim, pelo excerto acima, o corpo de uma, porque mais consciente a escritora esculpida na ternura e perspicácia, e a personagem forjada, no admirável mundo da linguagem feminina, denuncia ambas, desde a opressão através dos étimos da violência. “Onde o inimigo ouse/ ainda/ me cravar opressora presa” (SILVA *apud* SAÚTE, 2004, p. 139).

As imagens, devido as metáforas alegóricas do corpo, tornam-se mais pessoais, mais ousadas com evidentes alusões autobiográficas, dando o tom das lutas, das resistências em prol do direito que fundamenta o viver – na rebeldia do prazer:

Sorriso. A... é fantástica. Fala todas as línguas do mudo, sem falar nenhuma. É altar sagrado. Santuário. É o limbo onde os justos repousam todas as amarguras desta vida. É magia, milagre, ternura. É o céu e a terra dentro da gente. É êxtase, perdição, redenção. Ah, minha..., és o meu tesouro. Hoje tenho orgulho de ser mulher. Só hoje é que aprendi que dentro de mim resides tu, que és o coração do mundo. Por que te ignorei todo esse tempo? Mas por que é que só hoje aprendi esta lição? (CHIZIANE, 2004, p. 190-191).

Lição que desperta criar sobre a feminilidade, no espaço africano, incitando a mulher-escritora a reinventá-la, para os homens, pois para elas o delírio sensual não é mostrar ou dizer, mas falar com apropriação e sabedoria, sentido no âmago do humano, afugentando os dogmas do prazer somente masculino, e aproximando escrita e mulher, a outro ângulo do prazer – o textual, pois libertas, declaram: “Especializei-me em esmolas amorosas e agora não há nada que me segure” (CHIZIANE, 2004, p. 190).

Por isso, libertas por experimentar a tentação do prazer em dizer, ouvir e viver, concatenados ao erotismo velado, proporcionam incursões do ser mulher à busca do ser feminino que se perdeu ao longo da história, mas que se regenera na estrada do literário. São, pois, rendeiras que cosem os fios da carne e do prazer, da tradição contra o erótico, do perquirido e do desejado, no manto da exaltação das descobertas e dos

delírios subliminares: “[...] ó meu corpo tão belo em brechas mil [...] ó pele macia do corpo granulado da esperança” (LOBO *apud* SAÚTE, 2004, p. 369).

Como síntese desse capítulo, tomamos a liberdade para dizer que as palavras das autoras soam como *Segundo poema de solidão* (SANT`ANA *apud* SAÚTE, 2004, p. 131), pois, na destruição do edifício aprisionador da língua do dominante, reescrevem “o sentido da beleza carnal e até da elegância moral” (ALEXANDRIAN, 1991, p. 359), provocados pelo lirismo dos textos.

Liberdades do dizer através da “boca misteriosa que vomita tudo o que come”

No capítulo 24 da obra, *Niketche uma história de poligamia*, a personagem acorda do estado letárgico no qual se encontrava e começa a escandir o corpo, investigando o passado para tráfegar no futuro, ciente da viagem para dentro de si mesma.

Vou à casa de banho e passo a mão por baixo de mim mesma. Nem escamas. Nem lulas. Nem tentáculos de polvo. Apenas uma concha quebrada onde o vento passa sem canto nem eco. Uma concha insípida, com sabor de água que nem mata a sede. Por aqui passaram cinco cabeças, três filhos e duas filhas com que me afirmo na história do mundo, mas para o povo do norte sou ainda uma criança, nunca fiz uma viagem para dentro de mim mesma (CHIZIANI 2004, p. 183-184).

Logo no começo do capítulo 24, a narradora nos prepara à audição para o que ela nos narrará: uma leitura social da “Garganta mortal” (CHIZIANI 2004, p. 185), assim, finalizando o capítulo 23, a narradora Rami realiza uma descoberta que é uma revelação e, ao mesmo tempo, uma socialização de histórias de espantar o ouvinte/leitor, que as ouve, depois de anos de opressão da voz e corpo femininos silenciados pelo colonizador.

Como um rito de passagem, a narradora, liberta pelo poder de contar, se purifica na audiência, desde as histórias que ouve: “Quero escutar o silêncio das... falando ao meu ouvido” (CHIZIANI 2004, p. 185). Dito assim, podemos deduzir, desde o excerto, que a viagem será feita em companhia de outras transeuntes, caminhantes de emoção e sentimentos na grande travessia da linguagem corporal que, qual a magia das viagens, se encanta com as imagens, desejo e sentidos ocultados: “Vou à rua e canto em surdina a canção do desencanto. As mulheres são um mundo de encanto e silêncio” (CHIZIANI 2004, p. 185).

A contação de histórias desbrava a memória das mulheres, libertando-as do silêncio sexual. A tipologia nos é presenteada como uma prosa, mas surge, ao longo do texto, como hino poético, uma homenagem aos seres, coisas, objetos, pessoas. No caso em questão, o prazer que emana do corpo no “No leito nupcial. Na mata. Em baixo do cajueiro” (CHIZIANI 2004, p. 185). Contando o corpo se liberta do silêncio, da clausura. E, vale destacar que é na rua, no espaço público que o corpo liberto, sensitivo, torna-se personagem dialógico e audível. Tudo começa ainda em surdina, mas vai sonoramente, ampliando-se aos ouvidos dos leitores, esses, cúmplices da condição libertária: “Vou à rua” (CHIZIANI 2004, p. 183).

Os modos expressivos da narradora apresentam descobertas narratológicas, sentidos umedecidos de lembranças e afetos dela, enquanto mulher-narradora, e da personagem, “a boca misteriosa” que canta experiências de “belos poemas de dor e saudades”. Pois, sentada no “banco da esquina” se dispõe a arrancar as vendas da ignorância sobre as vaginas, e, à distância, estabelece “o diálogo mudo com cada uma que passa” (CHIZIANE, 2004, p. 186).

Na linha de continuidade libertária e sensual, os excertos selecionados da autora Paulina Chiziane (2004), nos proporcionam autoconhecimento expressivo da linguagem corporal, devassando o órgão sexual consorciado aos elementos da natureza. Eles, na aparência e essência, se traduzem em imagens¹, formas e formatos, cores e cheiros, textura e carência. E mais, doam-se em diferenças e particularidades anatômicas num símile entre flora e fauna que, também, alberga colheita, prazer na cova da vida.

Iguais? Não, não somos, gritam elas. Eu tenho forma de lua. E eu meia-lua. De polvo. Tábua rasa. Concha quebrada. Bico de peru. Casca de amêijoia. Canibal. Antropófaga. Garganta mortal. Túnel do diabo. Caverna silenciosa, misteriosa. Perigosa, quem em mim toca, morre (CHIZIANE, 2004, p. 187).

Essas imagens despertam a conduta das relações e das descobertas, à subjetividade do dizer e da objetividade do sentir, narrando os acontecimentos imperceptíveis a olho nu, mas vistos e revistos através da sensibilidade. O narrar diz do prazer que escande as travessias da linguagem corporal, os meandros escondidos e

¹ Imagem. O nome que damos a toda figuração de sentido que faz as palavras dizerem algo diferente de seu estrito valor semântico. A imagem é uma “comparação” ou um “símile”, pois a transferência de sentido é explícita. Podemos dizer que é uma imagem propriamente dita, na qual é dado de maneira clara o elemento lógico de contaminação entre significados (CANDIDO 2006, p. 121-122).

olvidados de muitos corpos femininos, devido à imposição do silenciar patriarcal e colonial.

Na contação liberta, o texto invade o sensual: “De todo o corpo sou aquela que mais mergulha, ao despertar, ao deitar, ao sol do meio-dia. Tenho a humidade do limbo e das margens dos rios. Sou um pedaço de mar que não sobrevive sem um mergulho nas águas tépidas” (CHIZIANE, 2004, p. 187). Há, como aduz Candido (2006), uma transfiguração de imagens no excerto acima, pois está implícita a sua superabundância: mar, rio, águas tépidas – salgadas e doces em símiles do corpo com a natureza.

Nessa recorrência temática, libertário e sensual, trazemos uma citação de Nunes (1995) sobre a poética de Clarice Lispector, por parecer dizer algo muito certo ao que desejamos, nesse aspecto, ao conjunto da obra – *Niketche uma história de poligamia* (2004):

Esses motivos, que diferentes situações reconfiguram, não apenas se relacionam diretamente com os pontos de referência mais gerais da obra, mas se articulam entre si formando a totalidade significativa de uma *concepção do mundo* (itálico do autor). Nenhum desses motivos tem pleno sentido se desligado dos outros, e cada qual, dentro do conjunto por todos formado, remete-nos à unidade do pensamento comum que os engloba, e por onde passa a linha de continuidade temática da obra (NUNES, 1995, p. 100).

Na sensibilidade da linguagem dos sentidos, a vagina (personagem de ficção no capítulo 24) dialoga com outras que descrevem anatomias, desejos, relações e intimidades na fenda da reticência, como escarificação, ainda, do silêncio imposto pelo colonialismo.

E a linguagem da...? Se a... pudesse falar que mensagem nos diria? De certeza ela cantaria belos poemas de dor e de saudade. Cantaria cantigas de amor e de abandono. Da violência. De violação. Da castração. Da manipulação. Ela nos diria da dor que chora lágrimas de sangue em cada ciclo. Dir-nos-ia a história da primeira vez. No leito nupcial. Na mata. Embaixo dos cajueiros. No banco de detrás do carro. No gabinete do Senhor Director. À beira mar. Nos lugares mais incríveis do planeta (CHIZIANE, 2004, p. 185-186).

A leveza do descrito, está no subliminar do uso da pontuação que suspende e individualiza a parte íntima feminina, mas é, também, um compromisso sensível da autora para com o “afrodisíaco divino” (CHIZIANE, 2004, p. 186), pois, com as

reticências, os étimos individuais, as formas carinhosas da vagina retomam os conhecidos pelo leitor na individualidade dos sentidos e da memória linguística.

Como no velho rito das contadoras de histórias, a narradora descobre os pormenores da ação, para depois, “pôr em dia todo o saber sobre as... Sento-me no banco da esquina. Quero escutar o silêncio das... falando ao meu ouvido. Hoje quero ouvir segredos. À distância estabeleço o diálogo mudo com cada uma que passa.” (CHIZIANE, 2004, p. 186), porque todas elas, albergam, no íntimo, as experiências tácteis, os traumas e descobertas, as decepções e os prazeres solitários ou conjugais, pois “[...] contam histórias de espantar, dos bacanais do canho, afrodisíaco divino, nas festas da fertilidade” (CHIZIANE, 2004, p. 186).

Umedecida de encanto no prazer da liberdade, a narradora se revela em cálice do humano, acondicionando segredos das outras, decantando-os em experiências e “histórias intermináveis de magias de amor, com *makangas*, *xithumwas*, *wasso-wasso*, sais, ervas, mezinhas, fumo de tabaco, *cannabis*, vassouras, garrafas, mentol, só para fazer um homem perder a cabeça por ela” (CHIZIANE, 2004, p. 101).

Desse modo, submersas no alvor da sensibilidade, narradora e escritora doam memórias dolorosas, em prosa-poética remida em expressões vulcânicas de prazer e descobertas, em leveza e suavidade qual “concha quebrada”:

Comecei a pedir um fogo aqui e outro ali, para aliviar a carência. [...] Mais milagrosas que nós não existe em todo o corpo humano. Por isso nos odeiam, nos temem, nos mutilam, nos torturam, nos procuram, nos magoam. Mas é por nós que eles suspiram a vida inteira. É a nós que eles procuram, de noite, de dia, desde que nascem até que morrem (CHIZIANE, 2004, p. 190).

A linguagem do sistema colonial expele sangue como morte, aborto, estupro; a do colonizado recompõe metáforas alegóricas do vermelho que exala vida, nascimento e liberdade, desde o sangue que, no tecido feminino, ratifica vida, luz e nascimento. “Sou mais do que o sol porque ofereço ao mundo inteiro uma luminosidade romântica. Sou a mais maravilhosa estrela do firmamento. Sem mim, o mundo não tem beleza” (CHIZIANE, 2004, p. 187).

A *poiesis* africana dessas mulheres traz a marca da fecundação que cria laços de relacionamentos corporais e identitários que, à luz do direito de expressão, confirmam a luta e resistência da mulher, através da denúncia:

Esta... vive num compartimento hermético sem nascente nem poente. Não pode chorar porque falta ar. Não pode gritar porque não tem eco. Não conhece a brisa, nem azul, nem estrelas. Aprendeu a dizer sim e a nunca dizer não. Aprendeu a dizer obrigada, a dizer perdão e a viver na humilhação. Quando o carrasco diz: Maria, chega para aqui, ela responde, sim senhor. Agora deita-te. Sim senhor. Agora abre. Sim senhor. Agora come. Sim senhor. Agora chega. Obrigada senhor. Agora levanta-te, comeste de mais hoje. Perdão senhor (CHIZIANE, 2004, p. 189).

Nesse diálogo da vagina com o seu homem, a narradora apresenta o mundo submisso no qual se encontra a mulher africana, mas também, muitas mulheres de outras partes do mundo, na sede do homem, ao “pote de mel que nunca acaba”, isto porque: “Sou uma fonte inesgotável, dou de beber a todos os caminantes. Sou a inimiga emboscada que provoca incêndios, explosões, insônias, pesadelos e enlouquece os homens” (CHIZIANE, 2004, p. 188).

O ato de criar é símile ao de engravidar, a escritora não posterga suas criações ao mundo, mas o mundo lhes é ofertado como presente no qual eles se desenvolverão como todo processo de criação – nascimento, crescimento, mobilidade e morte:

Eu passo anos de abstinência forçada, diz outra. O meu parceiro é mineiro na África do Sul. Só me dá uma ração de sessenta dias de dois em dois anos. Ele vem de férias só para me engravidar e partir. Sinto que vou envelhecer, sem viver. Eu consolo-a, não, não desespere, que esta fome aperta, mas não mata (CHIZIANE, 2004, p. 188).

Eis uma das muitas travessias da escrita africana que faz da mulher, prisioneira do corpo e do patriarcalismo instituído, porque viver para a mulher, é também, obter prazer, como e quando desejado, pois, “a boca misteriosa” quer revelar segredos mais pontuais, sem o martírio do longo.

A fratura social está na “ausência”, no subliminar da pontuação, que “oculta” o nome que as identifica, o que nos dá índices da condição social feminina, sua clausura, suas “histórias intermináveis de magias de amor” (CHIZIANE, 2004, p. 184), com escarificações traduzidas em metáforas que as unifica: “tu, concha quebrada, que vives escondida no meio do mundo, alguma vez viste o sol? Viste a lua? Conheces alguma estrela? Sabes que o céu é azul?” (CHIZIANE, 2004, p. 187).

O malabarismo da linguagem de Paulina nos afirma que muitas mulheres, como a personificada pela “concha quebrada”, são prisioneiras domésticas, vivem na clausura entre quarto e sala, com permanente estada na cozinha. Muitas sem identificação

familiar, pejorativamente apelidadas por signos e símbolos de poder, usadas e exploradas.

Desse modo, as aventuras no *corpus* do verbo-memória e da mulher aprisionada, permitem o périplo de liberdade (pelo menos no narratológico sexual) abrindo veredas no trânsito de sentidos – utópicos, dialéticos, diaspóricos, nos quais o feminino é amparado no espectro do solidário literário, de onde emana o verbo em estado de concepção do humano e o humano que concebe o verbo, sujeito de ficção, transeunte da estrada literária e da mitologia que as equilibra.

Nunca ouviste falar do *licaho*? É verdade, sim, existe. É um canivete mágico. Quando o intruso penetra nos aposentos alheios, o canivete fecha-se por magia e, neste instante, os dois amantes permanecem colados um no outro, sem poderem mover-se e ficam assim, dias e dias, até que a morte os leva (CHIZIANE, 2004, p. 189).

Nesse processo, as metáforas coalham, como líquido revigorante, ante o leite que emana das entranhas do texto, em resposta aos sentidos que albergam leite e mel à travessia da linguagem corporal e sedutora, evocativa e anatômica, com a vivacidade das travessuras afetivas e reveladoras: “Este cantinho que tens contigo é o altar que Deus criou para manifestar todo o seu amor” (CHIZIANE, 2004, p. 188), pois, para a poeta africana, os limites da terra prometida começam no corpo, *locus* donde jorra leite e vida, sangue e palavra.

A linguagem corporal, apresentada nos textos, se compõe como elemento de sentidos do feminino que seduz pelo subliminar, mas sutilizado de voluptuosidade expressiva: em razão emotiva e histórica.

O texto africano feminino, se constitui, assim, em rito de aprendizagem de quem busca redesenhar o caminho das conquistas com afetos conquistados na travessia dos sentidos. Posto que, o sentido de prisão (corporal e afetivo) é afetado pelas incursões de desvios provocados no doloroso percurso da maturação do desejo. “Sou uma enganada, desprezada, esquecida, segreda-me outra. Não sei se é do frio. Não sei se é do cheiro. Sou um campo abandonado onde as azedas crescem. Odeio esta vida. Prefiro morrer do que viver nesta miséria” (CHIZIANE, 2004, p. 188).

No corpo e na escrita, os riscos são longevos e duradouros, no entanto, na escrita são mais digressivos porque livres, pois, podem viajar além fronteiras; já no corpo da mulher, aprisionado em dogmas e patriarcalismo enraizados, tende a destruir distâncias geográficas, quando esbarram na burocracia dos caminhos dominados pelo

poder. Porque, supostamente, a escrita é desvio, percurso dos incontestes, quase intrafegáveis aos sujeitos em processos de formação: “A mulher tem direito à felicidade e à vida” (CHIZIANI 2004, p.175).

A arte literária africana feminina se assemelha ao momento da concepção, porque as iluminuras poéticas rompem em gritos e volições como conclamas libertários. A linguagem-discurso dominante sedimenta as paredes do sistema prisional africano, isto porque, a linguagem-percurso do dominado, destrói as paredes do sistema prisional em constructo do criativo que anseia por liberdade, emoção, palavra e carne no “santuário da vida”: “E tu, polvo implacável, onde consegues tanta caça? Sou polvo, não percebes? Aspiro tudo. Tenho um pote de mel que nunca acaba” (CHIZIANE, 2004, p. 188).

Artificie das imagens femininas, a mulher-escritora seduz pelo desenho das palavras que combinam som íntimo e cor, no corpo do texto, através do encadeamento metafórico de símbolos da ancestralidade: “[...] Escuto a história desta, a história daquela. Todas dizem a mesma coisa” (CHIZIANE, 2004, p. 186-187).

A alegria festiva da linguagem, também marca o ritmo da vivência no compasso entre prazer e escrever, desejar e sentir, isso porque ambos vincam o itinerário narratológico em viagens individuais, percursos, errâncias, trânsitos e mobilidades corporais, culturais e históricas. Essas redimensionam o corpo, fonte de prazer, à denúncia consciente: “Sobram poucos para alimentar as nossas bocas canibais. É por isso que os disputamos e só vence quem tem garras. Nós, as menos corajosas no combate, vivemos na renúncia e abstinência sofrendo o martírio da insônia” (CHIZIANE, 2004, p. 188).

Da análise, podemos deduzir que, a escrita feminina abre uma latência, no corpo-poema e no poema-corpo, em sincronia do devir histórico feminino grávido do contraditório social que, no “[...] impulso ao dizer, a serviço do mesmo desejo, inverte-se pelo ambíguo poder da palavra, que liberta e escraviza” (NUNES, 1995, p. 133).

Dito isso, podemos afirmar que,

A linguagem do ventre é a mais expressiva, porque se pode ler, na multiplicação da vida. A linguagem das mãos e dos braços é também visível. Segurando um recém-nascido. Segurando um bouquet de flores no dia do casamento. Segurando uma coroa de antúrios na hora do funeral do seu amor. E a linguagem do coração? Ausente muralha de diamante. Silêncio de sepultura. Ausência impenetrável (CHIZIANE, 2004, p. 185).

Nessa contiguidade dos sentidos concebem – as escritoras africanas – os textos contíguos à razão do ser mulher-mãe e produzem o filho como enigma do verbo no diapasão do ser mulher-escritora. No decurso da memória uterina, as escritoras são convocadas a transformá-los em matéria poética com reminiscências de proteção e aconchego, no líquido revigorante da história reinventada pela lembrança.

Remidas, as escritoras, no texto, abundante e significativamente libertário, a memória umedece os percursos da escrita e da sensibilidade exterior e interior, em nacos de fragmentos significativos que afloram, lentamente, na escrita feminina com a rigidez do libertário verbo/mulher. Isso porque, ao exprimirem os conflitos que desconfiam da história, cindem colono e língua do dominador com os traços da identidade e da cor local, na voragem do íntimo e dos segredos: “Elas sabem guardar bem no fundo delas o seu verdadeiro mundo. As mulheres são um mundo de silêncio e de segredo” (CHIZIANE, 2004, p. 185).

Na conclusão destas colocações, devolvemos a voz/palavra para Paulina Chiziane, com o desejo, respeito, da conclusão, porque a obra em análise confirma-a como a infatigável cronista dos costumes femininos da África:

Mães, mulheres. Invisíveis, mas presentes. Sopros de silêncio que dá luz ao mundo. Estrelas brilhando no céu, ofuscadas por nuvens malditas. Almas sofrendo na sombra do céu. O baú lacrado, escondido neste velho coração, hoje abriu-se um pouco, para revelar o canto das gerações. Mulheres de ontem, de hoje e de amanhã, cantando a mesma sinfonia, sem esperança de mudanças (CHIZIANE, 2004, p. 101).

O jogo alegórico feminino está bem marcado nesse excerto. Temos o elemento narrativo embrionário que nos convoca à reflexão: do “baú lacrado” qual uma representação descritiva, mais ou menos configurada: “mulheres cantando a mesma sinfonia”; uma certa evidência de abstração visada: “mulheres invisíveis”, o que nos direciona à intenção consciente da escritora: o poder feminino que se abre “para revelar o canto das gerações” (CHIZIANE, 2004, p. 101) que, agora libertas pelo poder do verbo, cantam e encantam em prol da efetivação de direitos expressivos, através da literatura.

Conclusão

No gênero literário feminino, a mulher, a família são assentes na escrita das autoras, porque os textos direcionam ao corpo que pulsa em cada mulher (com marcas do feminino, da mulher e da família) como a letra em cada palavra, ao aconchego do verbo liberdade. Ambas fazem parte de um único imaginário, pois, completam e são

completadas pelos sentidos e significados da gestação/invenção que, quase sempre, aprisiona, como o primeiro exemplo, no seio doméstico africano, enquanto que, o outro liberta para o novo constructo do lar, no vigor empático da criativa.

A escrita de Paulina Chiziane (2004) esmerada nos signos do corpo, rompe o verbo, corrói o edifício prisional do patriarcalismo africano, soldando símbolos da casa-nação, paisagem humana e urbana, como espaços literários.

Esta suntuosa festa da linguagem corporal, via metáforas alegóricas da fecundação, do íntimo e do onírico, descreve a poética das relações e ações, como repositórios de prazeres. Isso porque o lirismo intenso nos permitiu perceber a escrita das autoras, tal qual uma galeria de emblemas exóticos e sensuais, numa posição excepcional do ser mulher que perscruta o seu próprio corpo à busca de desvendá-lo ao mundo.

Numa simetria entre ter/ser, os textos marcam, profundamente, a rebeldia consciente da linguagem das autoras, com o sentido de beleza imantada na carta náutica do corpo que induz outras mulheres, na incursão à “torrente de suave loucura” (ALEXANDRIAN, 1991, p. 221), textual.

No êxtase da linguagem, a escrita, inscrição do erótico velado, acentua o vínculo entre o inscrito no corpo e na memória, no vibrato dos sentidos, na agudeza da sensibilidade que transmite o *drama da linguagem*, Nunes (1995), sensual e pervagante das escritoras, no confronto da linguagem que esbulha a memória histórico-social edificando-as em mátrias de palavras: “Era a minha alma fora das grades sociais. Era o meu sonho de infância, de mulher. Era eu, no meu mundo interior, correndo em liberdade nos caminhos do mundo (CHIZIANE, 2004, p. 225).

Referências

ALEXANDRIAN. **História da literatura erótica**. Lisboa: Livros do Brasil, 1991.

CALDERÓN, Demetrio Estébanez. **Breve diccionario de términos literarios**. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Associação editorial Humanitas, 2006.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem** – uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Editora Ática, 1995.

SAÚTE, Nelson. **Nunca mais é sábado** – antologias de poesia moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004.